

O AMOR NA LITERATURA MEDIEVAL

Ariana dos Anjos Barbosa

Orientador: Arnaldo Vianna

Mestranda

RESUMO: A literatura é uma ótima ferramenta para estudarmos a época na qual ela se insere. Com o apoio das obras francesas *A canção de Rolando* e *Tristão e Isolda*, em diálogo com as séries discursivas de historiadores como Duby, Le Goff e Spina, abordaremos as práticas, as crenças e o imaginário do contexto cultural em que se inserem sentimentos entendidos como nobres. Nas obras destacadas, o amor representa-se de diversas maneiras, das quais apontaremos as particularidades, evidenciando alguns costumes medievais, sobretudo no âmbito familiar e social, com ênfase na enorme influência da Igreja Católica em seu cotidiano. Estudaremos ainda o imaginário popular Medieval no qual se inscrevem reis, rainhas, princesas, druidas e sua permanência no imaginário contemporâneo. Finalmente, analisaremos, na construção das personagens, representações do *ethos* cultural medieval, privilegiando-se o papel de Deus, do rei, da mulher e da família, nas obras destacadas como representantes da literatura francesa medieval.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Idade Média, Amor

APRESENTAÇÃO

Ao entrarmos em contato com a literatura medieval, fica evidente a relevância de sentimentos entendidos como nobres que fazem parte do imaginário da época, tais como amizade, lealdade, honra, submissão, coragem e amor. Este último, por ser retratado em quase todos os gêneros literários, nos despertou a atenção. Durante a Idade Média, um período consideravelmente longo, não é difícil constatar a existência de uma grande variedade de gêneros textuais, como a epopeia, a poesia lírica, a sátira e o teatro, entre outros.

A ordem feudal medieval era referenciada em diferentes gêneros de texto versificado, definidos na literatura cortês (*la fin'amor*, a literatura do amor gentil, cortês) pelos trovadores e trovadoras (*troubadours et trouvères*); pela epopéia, com a Canção de

Gesta, cuja obra prima é a *Canção de Rolando*; pelos romances, como *Tristão et Isolda* e os textos de Chrétien de Troyes.

A literatura cortês medieval destacada por nós para estudo é referenciada nas cortes ducais e principescas das regiões onde hoje se situa a França meridional, em fins do século XI. Em suas representações, nas quais se destaca a vida da corte, exprime-se uma concepção aristocrática do amor dirigida a um público culto, especialmente às damas da corte. No amor cortês, o amante aceita a independência de sua senhora e tenta fazer-se merecedor dela, agindo de acordo com a ética nobre, de forma honrada, realizando quaisquer feitos desejados por ela. Em sua essência, o amor cortês era uma experiência contraditória entre o desejo erótico e a realização espiritual, um amor ao mesmo tempo ilícito e moralmente elevado, passional e autodisciplinado, humilhante e exaltante, humano e transcendente.

As Canções de Gesta são epopeias de texto longo, de origem e autoria desconhecida, que tanto podem ser procedentes da poesia oral popular quanto dos mosteiros e do clero. Tendo como referência a *matière de France*, nelas se enaltece o ideal cavaleiresco e se relatam as lendárias façanhas de cavaleiros em luta por sua fé e seu rei. Característico das epopeias da época, o tema a ser pesquisado na *Canção de Rolando* é o amor ao país, ao soberano, e a lealdade à coroa em detrimento do amor à mulher.

O romance conheceu três grandes fontes de referência: a Antiguidade (*Le roman de Thèbes*), a alegoria animal construída como paródia (*Le roman de Renart*) e o romance cortês (*Le roman de la rose*). Diferente da Canção de Gesta, o romance é um convite à evasão da realidade e surge com a evolução de uma sociedade de nobres, definida por uma ética da corte (*l'éthique courtoise*). No romance se constrói um sonho de felicidade, um sentimento de força moral e a vontade de triunfar sobre o mal, tendo-se por função social um pacto com a comunidade da corte, por meio da adesão a um conjunto de valores, nos quais se destacam a beleza e os sentimentos nobres.

Em contato com essa diversidade de gêneros e com textos de renomados estudiosos sobre o assunto, destacamos algumas diferenças nas formas de se tratar o amor. Essa evidência inspirou o tema do presente trabalho. Dentre as obras lidas para nossa pesquisa, selecionamos a Canção de Gesta, *A Canção de Rolando*, ressaltando sua importância na

literatura medieval, uma vez que se trata da mais antiga epopeia em língua francesa, e o romance *Tristão e Isolda* por se constituir como enredo emblemático da ética cortês.

Ambas as obras foram publicadas e editadas por Charles Marie Joseph Bédier (em fins do século XIX), um grande estudioso da literatura medieval. Foi a leitura das pesquisas de Bédier, nas quais se comparavam vários fragmentos textuais encontrados ao longo dos séculos para a composição do texto final da forma mais completa possível, que nos possibilitou o acesso a esses textos e à opção pelo estudo da literatura medieval.

Desde o século XI, as Canções de Gesta contam as aventuras dos cavaleiros medievais durante eventos históricos que remontam a séculos anteriores. A palavra Gesta, em latim, significa ação ou fato excepcional. Trata-se da encenação do ideal da sociedade feudal, ou seja, respeito absoluto aos engajamentos feudais entre suserano e vassalo, lealdade aos senhores, à pátria, a Deus e à moral cavaleiresca, qualidades guerreiras a serviço da fé. O cavaleiro obedece a um código de honra muito exigente: desprezando o cansaço, o medo, o perigo, ele é irremediavelmente fiel ao seu senhor. O cavaleiro vive para a guerra e tem orgulho de suas façanhas guerreiras. A mulher, portanto, não tem lugar neste universo. O sentido da honra importa tanto quanto a vida. As Canções de Gesta constituem a expressão literária dessas façanhas tanto militares quanto religiosas. Trata-se da história revista e corrigida através da lenda e do maravilhoso. As narrativas exageram as proezas físicas, feitos extraordinários, lutas maravilhosas e enfrentamentos temerários contra monstros e forças maléficas valorizam os cavaleiros, símbolos do bem.

O poema épico *A canção de Rolando* é anônimo e se referencia no final do século XI. Entretanto, acredita-se na autoria de um poeta de nome Turold, de quem se lê o nome na última estrofe do poema. A epopeia narra um episódio das guerras lideradas por Carlos Magno contra os sarracenos, a desastrosa batalha que teria acontecido em *Roncevaux* quando, após sete anos de guerra na Espanha, Carlos Magno voltava à França depois da conquista de *Pampelune*. O traidor Ganelon, um de seus barões, na passagem do desfiladeiro de *Roncevaux*, convence o rei a colocar Rolando à frente das tropas que compunham a retaguarda. Onze outros barões se juntam a Rolando, que escolhe somente vinte mil cavaleiros para lutar contra cem mil sarracenos. Antes da batalha, Olivier, seu melhor amigo, tenta convencer Rolando a chamar Carlos Magno para o resgate das tropas, mas, por orgulho, ele

recusa. Todos morrem na batalha, os cem mil sarracenos e os vinte mil franceses. Rolando é o último a morrer, no momento da chegada de Carlos Magno, que aniquila o resto da armada sarracena. O arcanjo Gabriel leva a alma de Rolando ao paraíso. Afirma-se no poema que a espada de Rolando, chamada de *Durandal*, recebida de Carlos Magno quando de sua sacração como cavaleiro aos dezessete anos de idade, tinha, em seu punho de ouro, um dente de São Pedro, sangue de São Basílio, um fio do cabelo de São Denis e um fio da capa da Virgem Maria. Ao perder seu cavalo, de nome Vigilante (*Veillantif*), e perceber que estava ferido de morte, Rolando tenta destruir a espada para impedir que ela fosse capturada pelo inimigo. Como a espada mostrou-se indestrutível, Rolando a esconde sob seu corpo, junto com seu olifante, instrumento usado para alertar Carlos Magno. A espada *Durandal* tem origem mitológica e teria pertencido a Heitor de Troia.

Enquanto a Canção de Gesta tem como referência a *matière de France*, o romance *Tristão e Isolda* tem como referencial histórico e cultural a *matière de Bretagne*. Em *Tristão e Isolda* (1170-1190), o herói é audaz e o amor é a grande prova de sua vida. Trata-se de um amor passional, maior que qualquer coisa, capaz de se sobrepor à honradez, aos laços familiares e aos laços entre cavaleiro e soberano. *Tristão e Isolda* é uma reconstituição compósita de uma antiga lenda céltica a partir de fragmentos salvos nas obras de Bérout e de Thomas. O enredo se desenvolve na Cornualha, Bretanha e Irlanda. A trama se constrói em torno de dois jovens, Tristão de Loonois (*Saint-Pol-de-Léon*), cavaleiro e sobrinho de Marc, velho rei da Cornualha e Isolda, a loura, jovem nobre da Irlanda, esposa do rei Marc. O romance relata o amor impossível dos dois jovens, que esquecem seus deveres, negam a felicidade cavaleiresca, sofrem e morrem. O amor fatal, que seduziu os homens e as mulheres do século XII, sobrevive à morte e sai vencedor, purificado pelo sofrimento e consagrado pela morte.

Amor, Morte e Sociedade

A morte na Idade Média estava presente em toda a parte, principalmente no século XIV devido ao surto de peste negra. Todavia, ainda antes dessa doença, a morte era constante no imaginário medieval, posto que as pessoas morriam cedo e dificilmente acompanhavam o crescimento das gerações seguintes, por isso, os mortos estavam fortemente presentes na vida

de todos, sendo honrados, temidos e respeitados. Acreditava-se até mesmo que os mortos podiam voltar. Por conta disso, era imperioso zelar pelos mortos, visto que era deles que as pessoas iriam receber seus bens, seu nome, em suma, toda honra e riqueza ligadas à família. Por sua vez, era tarefa dos vivos serem tão bravos, polidos, íntegros quanto seus antepassados. As mulheres, por exemplo, deviam honrar e temer a Deus e aos seus pais, afinal era a eles que elas deviam sua existência. Claramente, o sangue da família da parte paterna era privilegiado, até mesmo em questão de heranças. Tais fatos, obviamente, repercutiam na vida afetiva do povo Medieval. Observamos, então, que o amor aos mortos era uma característica da época e esse sentimento era diretamente ligado à questão familiar. O respeito à linhagem era um fator essencial. Vejamos nesse trecho o que é citado no texto a respeito da morte do pai de Tristão: *Reine, disait-il, on ne peut rien gagner à mettre deuil sur deuil; tous ceux qui naissent ne doivent-ils pas mourir? Que Dieu reçoive les morts et preserve les vivants!* (Bédier, 1991, p.2).

Pudemos observar no romance de Tristão e Isolda algumas representações da sociedade da época, entre elas sua forma de lidar com as relações familiares e de amor conjugal, foco desse artigo. Estudando o teórico Georges Duby, em sua obra *Damas do século XII*, pudemos constatar fatores importantes da sociedade medieval que estão presentes no romance anteriormente referido. Uma das primeiras coisas que nos chama a atenção é a relação de Isolda com o rei Marc. Essa união exemplifica um uso da época que era o casamento a serviço dos interesses das famílias. Tanto um quanto o outro eram nobres, mas, apesar de Isolda ter sido a escolhida do rei Marc³, o contrário não é verdadeiro. Isolda se mostra bastante reticente quanto à mudança durante a viagem rumo ao seu futuro casamento. O prestigiado historiador aponta que, na sociedade medieval, os casamentos eram feitos por diversos motivos, como, por exemplo: beneficiar as famílias envolvidas com a expansão dos territórios de ambas as partes ou de uma delas, ou aumentar as ligações de uma família de menor relevância com outra família de mais renome para aumentar seu prestígio. Resumindo, os interesses individuais, os sentimentos dos casais, eram muito pouco privilegiados, ou seja, a afeição não era um fator determinante nas relações conjugais. Inclusive, para evitar que suas

³ “Rainha, dizia ele, não poderemos nada ganhar em colocar luto sobre luto; Tudo aquilo que nasce não deve morrer? Que Deus receba os mortos e preserve os vivos” (Bédier, 1991, P.2)

propriedades sofressem diversas divisões, vários homens eram impedidos de se casar, o que contribuía para que as mulheres fossem ainda mais desejadas.

A Igreja tem enorme relevância nesse aspecto, tanto absorvendo alguns desses homens não casados para serem monges e padres, como condenando práticas como incesto, sexo antes do casamento e poligamia, delimitando assim um parâmetro moral a ser seguido pela nobreza no que concernia às relações amorosas e ao matrimônio. Tudo isso construía as normas de comportamento tanto dos nobres como da população, afinal todos almejavam ir para o céu.

A sociedade do Medievo tinha no casamento a única condição pela qual seria possível exercer seus impulsos sexuais, por isso, o matrimônio estava estreitamente ligado ao ser civilizado. Em contrapartida, quem tinha relações sem esse rito religioso, ou que fugisse dos parâmetros citados anteriormente, era considerado bárbaro. Percebemos então a imensa transgressão realizada por Isolda ao se entregar ao prazer com Tristão, sem estar unida a ele pelo matrimônio. Além disso, seu ato é agravado por se tratar de uma infidelidade, já que, como sabemos, ela era casada com o rei Marc. Por essa razão, as mulheres, no imaginário medieval, são consideradas perigosas e fontes de tentações passíveis de desviar os homens de bem do caminho reto da cristandade, a exemplo de Eva, culpada pela danação de Adão, e consequentemente, da humanidade.

Acreditamos ser necessário ressaltar que a literatura do século XII não retratava de forma realista a sociedade do período. Compreendemos, portanto, que o amor presente no nosso romance *Tristão e Isolda* não seria uma regra e sim uma exceção do que era costume na época. O amor idealizado torna-se protagonista nessa literatura. O sentimento do jovem casal é tão intenso que não é passível de ser controlado, por isso, para elucidar a fonte dessa paixão tão indomável, e para escusar, na medida do possível, a moral dos protagonistas, foi necessário que o autor recorresse a uma poção mágica fortíssima contra a qual eles não teriam forças para lutar. Ainda assim a afeição entre eles é bela porque ultrapassa qualquer barreira, inclusive a morte.

Tristão é um cavaleiro que tem um laço estreito com seu rei e soberano, tanto sanguíneo, por ser seu sobrinho, quanto espiritual, por ser seu cavaleiro e protetor. O grande monarca também tem por ele um bom sentimento, porque o herói se mostra um homem

corajoso, de educação bastante elevada. Posto isso, antes mesmo que Marc descobrisse que ele era o filho de sua irmã, o rei já nutria por ele imensa simpatia. É nesse contexto que entendemos a confiança que o monarca depositava nele, mesmo após diversos avisos dados pelos seus outros cavaleiros, chamando a atenção sobre o amor indevido do casal título do romance. Após confirmar as suspeitas levantadas pelos seus conselheiros, o monarca ainda consegue perdoá-los, o que prova ainda mais o amor que ele tinha pelo casal.

Isolda não tem um foco tão proeminente quanto o de Tristão na narrativa, ainda assim, as mulheres têm um peso notável na trama. Basta observarmos que a vida do prestigioso cavaleiro é salva por Isolda duas vezes. Devido ao seu conhecimento de ervas, ela consegue salvá-lo do envenenamento após lutar com uma besta. A mãe da protagonista tem igual peso na trama, se ela não tivesse feito o filtro responsável por que eles se apaixonassem, a história provavelmente tomaria rumo diferente.

A leal criada de Isolda, Brangien, não é menos importante. É por conta de sua má guarda do vinho que o casal bebe erroneamente esse filtro do amor. Entretanto, para se redimir do malfeito a Isolda, a fiel serva deita-se com o rei Marc, fazendo com que a não castidade de Isolda não fosse descoberta imediatamente. Esse é outro fato que poderia mudar o curso da história. Em suma, temos diversos pontos nos quais as mulheres, apesar de não serem o centro da narrativa, têm vital participação e extrema relevância para o desenvolvimento da trama.

É intrigante atentar para o fato de que o casal focalizado na narrativa está, de certa forma, em situação de igualdade no que diz respeito ao desejo sexual. Ambos se desejam, entregam-se, sentem culpa, porém, nenhum dos dois “seduz” o outro, nenhum dos dois é passivo diante de seus desejos. Ao contrário do conceito abordado anteriormente, no qual a mulher é instrumento de perdição, Tristão é tão culpado pela ruína de Isolda, quanto o inverso. Todavia, é necessário ressaltar que a não castidade de Isolda deve ser disfarçada, algo que não se passa com personagens masculinos.

Podemos entender essa relativa liberdade sexual de Isolda (relativa, pois não virá sem uma severa punição) como um dos traços da matéria bretã da obra analisada. Quando falamos em matéria bretã, nos referimos a uma forte influência dos Celtas. Nessa cultura o papel feminino é bastante peculiar: as mulheres ocupavam altos cargos religiosos, como

druidesas; tinham acesso ao conhecimento; tinham maior autonomia sobre seus corpos e, por consequência, havia maior liberdade sexual, conforme se exemplifica na personagem principal do romance. Outro ponto notável da influência Celta é o domínio sobre ervas e poções apresentado por Isolda e sua mãe, mesmo elas sendo cristãs e não pagãs.

A ligação com a igreja de Roma é igualmente clara, tanto que a Dama título da história aparece quase como uma santa, sua beleza não é reverenciada de forma carnal, suas formas não são explicitadas, somente seu poder de sedução é exaltado. Existe então uma ambiguidade na personagem, que é descrita por vezes como profana, por vezes santa.

Uma forma de abrandar a moral do casal é fazer com que Isolda seja estéril, apesar de apresentar um grande instinto maternal, pois cuidava com carinho de quem estivesse doente. A infertilidade evita um possível fruto desse amor impróprio, ou seja, um bastardo, algo que poderia manchar o belo vínculo do casal. Se pensarmos na importância da linhagem masculina, no que representa a semente portada pelos homens, fica simples inferir o porquê de Tristão não ser infértil, afinal ele tinha o sangue do rei, era responsável por continuar sua nobre linhagem. Por sua vez, a mulher é que liga as linhagens das famílias, seu objetivo no mundo é a maternidade, seu prestígio está diretamente ligado aos filhos, o que faz de Isolda um ser sem objetivos. A visão que se tinha das mulheres na época é que elas eram frágeis, sendo necessário defendê-las. Caso fossem encontradas sozinhas, sem a companhia de um homem, pensavam logo que elas estavam expostas tanto aos perigos do mundo quanto às más inclinações providas de sua perigosa sexualidade. Certamente Isolda ficou marcada por seu comportamento “libertino” por ter dividido o leito com dois homens diferentes.

O amor entre um homem e uma mulher, assim como o amor a Deus, demanda grandes sacrifícios. Podemos entender ainda, com Thomas (autor de um dos manuscritos), que o amor é como uma religião, alvo de devoção, de entrega. Isso fica explícito em seus personagens, nada estava acima de seus sentimentos, nem a fidelidade à Igreja, nem a fidelidade ao rei. Eles eram fiéis somente ao que sentiam um pelo outro, nada era mais forte e, assim como na religião, eles tiveram suas penitências.

Acrescentamos que, segundo Duby, esse tipo de narrativa tinha bastante ingerência no comportamento das pessoas do Medievo, portanto, podemos inferir que ela era utilizada como instrumento para influenciar as ações do povo ou definir quais seriam as consequências

de seus maus atos. Observamos, no romance que selecionamos para análise, que os protagonistas são largamente punidos e terminam por perecer devido ao amor impróprio ao qual se entregaram, ainda que isso fosse algo fora do controle deles, ou seja, que eles não fossem necessariamente culpados pelo sentimento que nutriam. Observamos assim que as punições e dificuldades sofridas por eles são a ilustração de que aqueles que seguissem seus impulsos carniais, que desafiassem as regras estabelecidas pela Santa Igreja, estariam fadados a um triste fim.

Segismundo Spina, em sua obra *A cultura literária medieval*, divide a literatura produzida na Baixa Idade Média em três partes: Literatura empenhada, literatura semi-empenhada e literatura de ficção:

Empenhada no sentido em que uma intenção pedagógica, didática, apologética, missionária, edificante, preside sua elaboração. [...] Por semi-empenhada entendemos um tipo de produção literária de feição intermediária, dirigida por intenções satíricas, mas já com evidentes propósitos artísticos [...]. A literatura de ficção, que consiste numa produção de evidentes intuítos estéticos, literatura desinteressada, estaria representada pela poesia épica, pela lírica trovadoresca, pela poesia narrativa romancística e pela narrativa novelesca. (SPINA, 1956, p.21)

De acordo com Spina, entendemos que a obra *Tristão e Isolda* se encaixa na última classe, na literatura de ficção, onde se inserem as obras do romance cortês, cavaleiresco. A razão pela qual o romance é incluído na ficção é que existe uma preocupação maior com a estética literária, uma vez que foi escrito em versos e sem um objetio puramente didático-religioso. Essa classificação não sugere que a obra esteja completamente livre do teor religioso, muito pelo contrário, visto que, na Idade Média, raras obras eram totalmente isentas da influência religiosa e o romance aqui contemplado não foge à regra, Deus é citado em muitas passagens, apesar de não ser essencialmente o foco. Devemos enfatizar que o amor de Tristão e Isolda atinge diretamente à Igreja de diversas formas, uma delas é que a relação entre os dois constitui um adultério: - *Beau seigneur, on m'appelle Tristan; et j'appris ces coutumes en mon pays de Loonois. / - Tristan, dit le veneur, que Dieu recompense le père qui t'éleva si noblement! [...] / - Tintangel, s'écria Tristan, béni sois-tu de Dieu, et bénis soient tes hôtes!* (BÉDIER, 2001, p.6-8).

O que se destaca nessa organização trazida por Segismundo Spina é que ela difere das dos demais historiadores da literatura, cuja classificação seria: literatura cortês, burguesa e

religiosa. A cortês ligava-se à nobreza, aos feitos cavaleirescos; a burguesa à nova classe social que se expandia na época, distanciando-se um pouco da questão puramente espiritual, e a religiosa, como o nome diz, extremamente ligada à Igreja:

A constante de quase toda a literatura da Baixa Idade Média é, portanto, o Amor: o amor profano, responsável pela imensa produção lírica e pela novela palaciana; o amor sagrado, fermento das representações litúrgicas de toda esta época. (SPINA, 1965, p.39)⁴

O amor presente em *Tristão e Isolda* é diferente do amor em alguns outros poemas medievais, nos quais o poeta pertencia a uma classe popular e a Dama, alvo desse sentimento, da Nobreza, era geralmente casada, fator que impossibilitava a concretização dessa relação. No presente romance, o sentimento, apesar de, a princípio, ser impossível, pelos fatos já conhecidos, acaba por se concretizar, não ficando somente no âmbito platônico.

A origem da literatura cortês é explicada por Spina na obra anteriormente citada, os variados tipos de sentimentos são contrastados por ele e até mesmo a transformação da figura masculina é abordada. É importante destacar que Tristão, embora forte e corajoso, é ferido por diversas vezes e salvo por sua Dama, portanto, ele não é intocável, muito menos invencível, ao contrário, mostra-se dependente de sua amada:

É ainda sob a influência dos clérigos que a literatura géstica do século XII deriva para as novelas cortesãs ou “romances cortesês” e a virilidade rude das primitivas canções de gesta aparece atenuada pela invasão de episódios amorosos e novelescos, de procedência clássica, que chegam ao conhecimento da nobreza. (SPINA, 1965, p.35-36)

Ao contrário de outros romances da época, como *Tristão e Isolda*, na França, e *Arthur e seus cavaleiros*, na Inglaterra, nos quais o amor era devotado a uma dama e por ela o homem matava e morria, todo o sentimento de Rolando tem foco em sua pátria, representado, obviamente, por seu soberano e por sua fé, a qual deveria ser espalhada o máximo possível. O papel feminino e a importância do amor romântico entre homem e mulher ficam praticamente nulos em comparação com esse amor maior devotado ao rei. Não vemos praticamente

⁴ “- Bom senhor, chamam-me Tristão, e eu aprendi esses costumes no meu País de Loonois./ - Tristão, disse o vencedor, que Deus recompense o pai que te criou tão nobremente! [...] / - Tintangel, se gritava Tristão, bendito sejas Tu de Deus, et benditos sejam teus hóspedes”. (Bédier, 2001, p.6-8)



nenhuma personagem do sexo feminino na trama e as poucas que aparecem, não apresentam qualquer relevância no desenrolar da história.

A Canção de Gesta, narrativa poética que relata as façanhas cavaleirescas, oriunda do século XI, é um gênero bastante representativo da literatura medieval francesa, e a *Canção de Rolando* é uma das histórias mais conhecidas desse gênero. Com o passar dos anos, a Gesta foi afetada pela matéria bretã, que são as lendas e mitologia oriundas do Reino Unido. Tendo grande influência da cultura Celta, ela deu um toque de romantismo na Canção de Gesta. Por conta disso, surge o romance cortês. Alguns pontos destacados como característicos da Canção de Gesta são a glória pessoal e o heroísmo rude, bastante presentes no romance em questão, como, por exemplo, na passagem emblemática do pedido de ajuda de Rolando ao rei através do olifante, uma vez que ele evita o máximo chamar reforços para não desapontar seu país e não desonrar seu nome. A questão religiosa, bem como o pungente patriotismo, ofuscam outras relações, o rei e a pátria são representações de Deus e nada estava acima deles. Em *A canção de Rolando*, pouco se fala da noiva do protagonista, nem mesmo o próprio noivo toca muito em seu nome durante a história, ela praticamente só aparece no final do livro e perece ao saber da morte de seu amado, salientando-se dessa forma que ele era insubstituível e que, sem ele, a existência dela não fazia sentido.

Concluimos, ao compararmos as obras literárias, que o amor se manifesta de formas distintas. Enquanto em *Tristão e Isolda* o amor entre homem e mulher é priorizado, mostrando-se mais importante até mesmo que a religião, o inverso se apresenta em *A Canção de Rolando*, onde Deus é privilegiado acima de tudo e o Rei, como seu representante, deve ser honrado. A linhagem familiar também é importante, entretanto as relações conjugais não têm tanta relevância.

REFERÊNCIAS

- BEZZOLA, R. Les origines et la formation de la littérature courtoise en Occident (500-1200). Paris: Champion, 1966.
- BLOCH, Howard. Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental. Rio de Janeiro: Edição 34, 1995.



BOASE, Roger. *The origin and meaning of courtly love*. Manchester: Manchester University Press, 1977.

CAPELÃO, André Fontes. *Tratado do amor cortês*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DUBY, Georges. *Les Dames du XII siècle*. Paris : Folio, 1997

_____. *A propósito do amor chamado cortês (À propos de l'amour que l'on dit courtois)*. (1983). In: _____. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p.59-65

HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. São Paulo: Verbo, 1978.

LE GOFF, Jacques. *L'imaginaire medieval*. Paris: Gallimard, 1985.

_____. *L'homme medieval*. Paris: Seuil, 1994.

SPINA, Segismundo. *Apresentação da lírica trovadoresca*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

_____. *A cultura literária medieval*. Brasil: Ateliê, 2007.